

GALERIA THEATRAL.

JORNAL CRITICO-LITTERARIO.

Publica-se aos Domingos, e Quartas feiras. = As assignaturas fazem-se unicamente na typographia da travessa das Mercês n.º 11.

Assigna-se por anno: 1:000 rs. = Por semestre: 600 = Por trimestre: 300 = Avulso 20 rs.

GALERIA.

THEATRO DE S. CARLOS.

Quasi que poucos dias depois de se abrir a corrente época deste theatro, principiou a correr a noticia de que se tractava de escripturar em Hespanha algumas dançarinas, para com ellas variar as danças e bailados, aos quaes pôde dizer-se, que já viviamos costumados. Este boato tomou nova força e consistencia quando o empresario sahio do reino, e se transformou em realidade quando ha pouco vimos no palco de S. Carlos as novas bailarinas.

Como era natural a anciedade crescia entre os frequentadores do theatro, querendo uns avaliar o merecimento das recém-chegadas, e querendo outros vêr a qualidade do espectáculo que se lhes apresentaria.

Os primeiros não podiam deixar, como justamente fizeram, de aplaudir o merecimento das novas dançarinas. Dizemol-o francamente, são excellentes neste genero. Juntam á elegancia do corpo, a mestria da sua arte: qualidades estas que reunidas não pôdem deixar de arrebatado espectador, e fazel-o interessar.

Dos segundos, alguns houve que não gostaram, e deram mostras da sua desapprovação.

Porém estes signaes não progrediram, e os applausos venceram.

Era porque o maior numero estava contente, e se mostrava satisfeito.

Não podemos hoje tractar mais detidamente este objecto, o que faremos em um dos proximos numeros. Proposemon'os unicamente registrar o facto; outro dia o desenvolveremos, e faremos as considerações que entendermos adequadas.

PORTO.

Theatro Lyrico.

Hontem 25 a repetição da *Linda de Chamounix*. Pouca concorrência, e poucos applausos.

Empreza theatral.

A Empreza Alba etc. Basto, tem-se visto e contiúua a ver-se com grandes difficuldades por falta de fundos. A maior parte dos artistas recebem os bilhetes das assignaturas para seu pagamento!! A empreza ja não leva a opera promettida, a *Medea*, por ter despedido a sr.^a Grimoldi e seu marido. Tentou ensaiar o *Attila*, mas desistiu por falta de vestuario: agora ensaia os *Foscari*, porque a administração do theatro lhe alugou o vestuario da empreza Martins, que tinha penhorado!! Corre que a empreza fôra reforçada com um novo socio.

O beneficio do sr. Calcagno, que estava para 25 não teve logar segundo um annuncio affixado no theatro. A sr.^a Fabri estava incommodada.

Quinta feira teve lugar no theatro de S. João o beneficio do menino Arthur Napoleão, de 6 annos de idade. A companhia portugueza levou á scena o drama as *Duas Rivaes*, e a farça as *Luzas Amarellas*.

O beneficiado do 1.º ao 2.º acto tocou no piano uma phantasia, acompanhada de Violoncelo pelo sr. Ezequiel — e no final do espectáculo, tocou, a solo, um rondó de Paganini.

O theatro estava apinhado de espectadores — e não havia um só camarote desoccupado. Logo que o menino Arthur entrou na scena, com desembaraço e galhardia fazendo ao publico a sua venia, recebeu uma salva de palmas. Depois de tocar a phantasia os applausos foram entusiasticos, e as flores e as coroas choviam sobre o menino Arthur, o qual com graça e amabilidade agradecia ao publico. No final do rondó da mesma fórma foi ouvido com grande attenção, e applaudido immediatamente lançando-se-lhe ainda algumas coroas.

Todos os espectadores estavam admirados. Uma criança de 6 annos tocar da maneira porque o fez o pequeno Arthur, é uma maravilha que espanta.

A musica que sabe, o gosto para a executar, a attenção que põe nos seus estudos, e isto tudo acompanhado d'uma belleza não commum, tornou-o uma creança estimavel. No intervallo, andou fazendo visitas pelos camarotes porque todas as senhoras o desejavam vêr.

O publico, posto que admirando o gosto d'um seu compatriota, foi justo nos applausos que lhe tributou.

THEATRO ESTRANGEIRO.

Madrid.

Effectivamente se representou no theatro do palacio, a opera *La Straniera*. A concorrência foi mui brilhante, na maior parte composta dos ministros, damas, grandes de Hespanha etc.

O ensaio geral foi na mesma tarde do dia que pela primeira vez subiu á scena. Repartiram-se bilhetes para assistir a esta funcção e a salla esteve cheia a mais não poder ser. Em um dos camarotes assistia a rainha mãe.

Deve abrir-se com brevidade o theatro do Circo, e se diz que a primeira opera que porá em scena hade ser *I Lombardi*.

Tambem se poz em scena, como estava annunciado, o drama do sr. Thomaz Rodrigues Rubi, intitulado *Isabel a Catholica*. O publico applaudiu repetidas vezes os actores e author. S. M. a Rainha assistiu á representação.

Paris.

No theatro italiano de Pariz representou-se a *Mathilde di Shabran*. Esta opera quando pela primeira vez foi representada em Roma, no anno de 1821, não alcançou grande triumpho, e mesmo em França não foi bem recebida. Agora deve ella o enthusiasmo que está excitando, á habilidade e mestria do tenor Lucchesi. E' um tenor da escholla de Rubini, e ainda não cançado pela musica de Verdi.

Tambem naquelle theatro se promettia proxima a apparição de Lablache, e o publico se impacientava já por o não ter visto representar desde que tal se prometteu. Effectivamente quando mais descuidado se estava appareceram os cartazes annunciando a *Cenerentola*, na qual Lablache entrava. A *Cenerentola* teve tambem um brilhante triumpho, e excitou o enthusiasmo. O actor representou o papel de *D. Magnifico*, que parecia de proposito escripto para elle, tão casado estava á sua voz. A *Cenerentola* foi escripta pelo celebre Rossini, em

Roma no anno de 1817, quando o maestro tinha sómente vinte e quatro annos de idade.

Representou-se tambem *O Barbeiro de Sevilha*, e a parte de Bartholo foi desempenhada igualmente por Lablache.

M. d'Angri, e M. Persiani, a primeira na *Cenerentola*, e a segunda na personagem de Rossina receberam muitos applausos e palmas.

Annuncia-se a representação do drama de mr. de Lamartine, *Toussaint-Louverture*, no theatro da Porta 'S. Martinho, nos principios do proximo mez de Fevereiro.

Les Porcherons, de M. d'Abert Grisar, agradaram muito.

Continuam os bailes mascarados na Opera, a ser muito concorridos.

VARIEDADES

Carta 2.^a, escripta pelo doutor Manoel Mendes Fogaça, a um seu amigo transmoutano, em que lhe dá noticia de outra comedia que vira representar.

(Continuado.)

Então que é isso, lhe tornei eu? Isto, diz elle, isto é um elogio de theatro; como a peça é mera magica, onde tudo é feito por arte de potencias subterraneas, é preciso a invocação das furias. V. m. verá logo a Maga Adélla o que faz com uma chibatinha. Visto isso, disse eu muito espantado, é uma comedia infernal? Sim, sr. — Eu não sei para que é ir ao inferno buscar assumptos de comedias, quando ellas não devem ser mais que um transumpto, uma imagem da vida commum, e dos costumes dos homens.

Respicere exemplar vita, morumque jubebo...

Ah! V. m. sabe latim, e cita o nosso Horacio! Disse o tal, ainda muito beigudo! Pois meu rico, esse tempo era outro, nós estamos n'outras eras, já lá vai o ranço, agora ha outro gosto, agora cuida-se em abrilhantar a scena, o que se quer são golpes, e mais golpes de theatro (máu, disse eu comigo, temos outro golpeador!) Esse gosto de Horacio é bolorento. Um poeta comico de algum dia, era um verdadeiro filosofo, estudava a natureza, a indole do coração humano, a marcha das suas affeições, observava de perto os variantes quadros das sociedades, as affeições, os ridiculos, as intrigas ordinarias da vida civil, e tinha em vis-

ta emendar os vícios com a pintura natural do ridiculo, muito mais azado para isso, que todas as enfaticas declamações dos philosophos.

Ridiculum acri plerumque fortius ac melius secatur.

E havendo n'um seculo enxames, cardumes, bixarias de poetas, no meio deste grande mar Vaticano, apparecia um bom comico: no seculo de Pericles, Menandro; no seculo dos Scipões, Terencio; no seculo de Leão X, Machiavello; no seculo de Luiz XIV, Moliere; e al não disse, bastando um para cada seculo, e muitos seculos para cada um. Estes espiritos de ordem superior, transplantavam o mundo moral, tal qual elle é, para cima da scena, allí punham o vadio, o avaro, o petimetre, o medico impostor, o Causidico ladrão, a meretriz perjura; taes quaes elles são em corpo e alma, com estes quadros divertiam, e corrigiam, e tal se estava rindo, que dizia com os seus botões — eu sou aquelle, e já que me conheceram, eu me emendarei. Em nosso Portugal se começou a adoptar este methodo como verdadeiro, delectavel, e proveitoso; podia o homem sizudo divertir-se de seus cuidados, e conhecer com utilidade o mundo em que vivia, pois se lhe representava real, e verdadeiramente como elle é: quando os nossos bons engenhos não podiam inventar assumptos novos, pois sabem vv. mm. que a obra mais difficil que ha, é uma boa comedia, traduziam, e traduziam bem os optimos classicos das nações estranhas, e apparecia uma obra perfeita com atavios portuguezes. Via-se um lugar, um tempo, uma acção, um enredo, um nó, uma solução natural, desfazendo-se o nó pelas mesmas causas que o tinham apertado.

Medio ne discrepet imum.

Eu cuidei, meus srs., que esta moda tinha pegado, porque sem que Boileau o diga, todos sabem, que só o verdadeiro é bello, é util, agradável, sólido, e permanente.

Ora v. m. é um ginja, me disse o tal poeta de elogios, v. m. está além d'Evora tres semanas, toda essa impertinencia de principios, toda essa pezadissima observancia dos preceitos e regras, essa tediosa observação da invariavel natureza, tem cabellos brancos; isso é querer ser gotico em o seculo das luzes, essa tactica da razão, e do gosto está abandonada, como se abandonou na milicia o inutil exercicio da vareta; as evoluções dramaticas simplificaram-se, meu senhor. Bem aviado estava eu, e os mais que abrilhantamos as scenas, se para fazer uma peça de character e meio, tinhamos precisão de um longo estudo, de uma observação constante, de um tacto fino, e de uma escrupulosa observancia desse miuçalho das regras! — Pois então, lhe tornei eu, que é preciso agora para calçar o sóco, e ser poeta comico, ave tão rara na terra? Que é preciso para fazer uma comedia, ou como os srs. cá lhe chamam, uma peça? — O que é preciso? Essa é grande! Em pri-

meiro lugar é preciso um genio, isso é ali qual-qualquer bigorrilhas, o qual bigorrilhas tenha hido muitas vezes ao theatro, e que assista aos ensaios para travar conhecimento com os histriões; depois que escreva lá o que lhe parecer, de sorte que se conservem uns poucos de homens a fallar por algum tempo, o que cada um quizer, e que de vez em quando diga um para o outro, — a minha virtude, a tua virtude, é o premio da tua virtude. O vicio baqueará. — Está feita uma peça no gosto nacional. — Pois então não é preciso mais nada? Mais nada, disse elle. Tambem ha outro methodo, v. g., pegar n'um drama francez, por exemplo — le Mari insouciant — e fazer delle — o Marido mandrião; muito aleijada, mutilada, adulterada, estropiada, e posta cá ao nosso modo; tanto basta para se constituir um homem abrilhantador da scena, o genio unico que nós cá temos. — Isso é uma maravilha, lhe disse eu, não ha cousa mais facil no mundo, pois eu cuidei que ser poeta comico bom, era mais difficil que ser poeta epico optimo. Tasso fez uma boa epopéa, e uma tragedia mediocre, e uma comedia pessima. As comedias que fizeram Corneille, Rassine, e Voltaire, são infinitamente inferiores ás suas tragedias; tanto é difficil, e o foi a uns homensarrões destes, atinar com a comedia Togata, e Morata. Poucos atinaram a varêda, e é isto agora entre nós que qualquer pedante o alcança, e executa! . . . Oh! seculo dos prodigios! Os cabelleireiros são generaes em França, e qualquer bigorrilhas é um Plauto em Portugal! Diga-me, sr., ha mais algum genero novo de comedias, ou peças que os abrilhantadores ponham em scena, com que nos acabem de moer a paciencia? Sim, sr., ha e é o que sua mercê vai vêr representar, e o que está hoje annunciado no chefe d'obra dos cartazes, e que se chama — peça magica. Nestas comedias tem o genio toda a liberdade de extravagancear á sua satisfação, porque o disparate e o desconexo é a unica regra que o genio conhece para fazer o que quizer, com tanto que lhe não falem estas cousas, maquinista, pintor, apito e carpinteiros que puxem certo os arames. Pois sr., lhe disse eu, cuidava que a magica no theatro vinha a ser o maravilhoso poetico tornado visivel. Ora, ainda que esta seja a cathgorica definição do objecto que tractamos, eu me explico mais claramente. As acções dramaticas, assim como as epicas admittem o maravilhoso sobrenatural. mas verosimil, que vem a ser, quando o heroe ou protagonista chega a ponto de executar uma acção que não possa conseguir, ou esteja fora do alcance das suas forças naturaes, valer-se então, se é magico, da sua magica para a executar; mas isto é dado caso de ser preciso, e de ser acção digna de intervir nella a força sobrenatural a que se chama — machina — em poesia.

Nec Deus intersit nisi dignus vindice nodus.

Bem digo, tornou o do beico, que v. m. é rançoso, até me parece pedante em tanta citação da arte poetica. V. m. não sabe, que ha por ahi

genio abrilhantador da scena, que nunca ouviu dizer em dias de sua vida, que tal Horacio existira no mundo? Eu não quero agora gastar razões, porque sou parco de palavras, como filosofo que sou, ainda que embrulhado neste balandrão pardo, em fazer uma dissertação sobre as comedias magicas da nova tarifa, porque d'aqui a nada verá o que é magica; mas saiba já de antemão, que quem mais destemperos pôde ajuntar melhor magica fez, o ponto está que elle, sem que, nem para que, dê na importante arte das transformações. V. g., está alli um poeta? Pois, de repente, está um burro. Eis-aqui a scena abrilhantada, e logo diz um letrado.

Hæc semel placuit, hæc decies repetita placebit.

Está uma mulher? Pois, de repente, apparece um dragão, venha, ou não venha a proposito, isso não é do caso; mas é o que basta para que o genio fique abrilhantador da scena, e para que quatro papelões da platéa, amigos do abrilhantador, matem a gente com palmadas. Além disto, é preciso que o genio despreze altamente a unidade do logar, cousa que destroe immediatamente a illusão do expectador, e multiplica as acções. O que acontece, por exemplo, no quintal do tio Lopes, acontece d'ahi a nada no meio do Oceano. Igualdade no andamento da acção?

Qualis ab initio processit seruetur adimum.

Isso seria querer perder a reputação, o genio que abrilhanta a scena, e ainda que elle fosse tão gordo como um tonel, ficava no conceito da illustrissima platéa mais magro que um bacalhão. Emfim, é preciso que faça monstros, os quaes não sejam filhos do artificio, mas sim da incapacidade, pequenez, e insufficiencia do genio, é preciso que elle seja naturalmente tão destampado como é o poeta de que falla Horacio:

Delphinum silvis appingit, fluctibus aprum.

A isto é que se chama comedia magica em todo o rigor, e em que se falta a todas as propriedades necessarias, a que Mr. Pitaval chama em francez — convenances. — Por exemplo. Introduz um turco na scena, este, segundo a propriedade, deve ter o nome proprio de um turco, chamar-se Selim, Amurat, Sofar, etc. Se trata da religião deste turco, deve pôr na sua boca Deus e o profeta; mas um poeta magico deve espezinhar esta rasão do verosimil, o turco deve chamar-se, v. g. Urbino! E quando este turco devia clamar — Allá — hade dizer — os Deuses, os Deuses, os Deuses, como se o Mahometismo, ou Islamismo fosse o Politheismo dos gregos, ou dos romanos.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

A Lira d'Apollo.

Publicou-se o n.º 4 deste jornal de musica, con-

tém os bailados da grande opera = *O Propheta* = do mestre Mayerber, vende-se e assigna-se para este jornal no armazem de muzica de J. C. Lenci, rua das Portas de Santa Catharina n.º 13, por assignatura 200 rs. (pagos á entrega) avulso 280. No mesmo armazem se acha grande sortimento de musica, ultimamente chegada para canto, e para pianno.

ESPECTACULOS.

THEATRO DE S. CARLOS.

Quarta feira, opera — *Bucefalo* — Dança e Bailados hespanhoes »

Sexta feira 1 de Fevereiro, opera — *D. Buce-lo* — dança — Bailados hespanhoes.

Sabbado 2 de Fevereiro, irá novamente á scena a nova opera em 3 actos — *Mariv de Rouhan*.

THEATRO DE D. MARIA II.

Quinta 31 de Janeiro, com authorisação da inspecção geral dos theatros não pôde haver espectáculo em consequencia dos ensaios para os espectaculos proprios do carnaval.

Sabbado 2 de Fevereiro — *O Templo de Salomão*

Domingo 3, o mesmo espectáculo.

Terça feira 5, a primeira representação d'uma dança comica em 3 actos, composição do sr. Cyriaco Marsigliani, a musica é do sr. Pinto, a dança será melhor annunciada, bem como o resto do espectáculo, que fôr neste dia em que começa o carnaval neste theatro, fazendo recitas todos os dias e variando sempre de espectáculo.

THEATRO DE D. FERNANDO

Quinta feira 31 de Janeiro, o drama em 5 actos — *Adriana de Lecouvreur*. — A comedia em 1 acto *A Rua da Lua*.

THEATRO DO GYMNASIO.

Quarta feira 30 de Janeiro, em beneficio de Margarida de Jesus Lopes — *Qual dos Dous?* — *Um Aguaceiro* — em 1 acto. — *A Porta da Rua* — em 1 acto — *Não foi ao Jardim?* — em 2 actos.